

Derrida e Nietzsche: mulher e *différance*

Derrida and Nietzsche: woman and *différance*

DERRIDA, Jacques. **Esporas**: os estilos de Nietzsche. Tradução de Rafael Haddock-Lobo e Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Nau, 2013. 112 p.

Silas Borges MONTEIRO¹

Dionéia da Silva TRINDADE²

Edilma de SOUZA³

Em alusão ao centenário de publicação de *O nascimento da Tragédia*, de Nietzsche, em 1872, *Esporas: os estilos de Nietzsche* foi entregue, como conferência, por Jacques Derrida, filósofo franco-argelino, já conhecido por suas obras *Gramatologia* e *A escritura e a diferença*. A ocasião foi o colóquio organizado e ocorrido no Centro Cultural Internacional Cerisy-la-Salle, na França, com o título *Nietzsche, hoje?* Era junho de 1972. A encomenda feita a Derrida tinha como título: *La Question du Style*. Neste evento, que sinalizou a retomada da leitura das obras de Nietzsche em território francês, Derrida se faz presente ao lado de filósofos como Gilles Deleuze, Jean-François Lyotard e Pierre Klossowski, entre outros.

Considerado pensador antidogmático, que persistiu na crítica ao falocentrismo⁴

-
- 1 Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Professor Associado do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Coordenador do Grupo de Estudos Filosofia e Formação (EFF), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na linha de pesquisa Cultura, Memória e Teorias em Educação; ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPs) e ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) dessa mesma Instituição. End. Av. Fernando Corrêa da Costa, n. 2367, Boa Esperança, Cuiabá-MT. Cep: 78.060-900. Tel.: 65 3615-8430. Email: <silasbmonteiro@gmail.com>.
 - 2 Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. End. Av. Fernando Corrêa da Costa, n. 2367, Boa Esperança, Cuiabá-MT. Cep: 78.060-900. Tel.: 65 3615-8466. Email: <dioneia@ufmt.br>.
 - 3 Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso. Professora na rede estadual de Educação Básica de Mato Grosso (SEDUC-MT). End.: Rua Edgar Prado Arze, 215, Centro Político Administrativo, Cuiabá - MT. Cep. 78049-909. Email: <edilmasz84@gmail.com>.
 - 4 O termo *phallogocentrisme* é usado por Derrida, ao que nos conta, apenas em 1980 no livro *La carte postale* [A carta postal, publicado em português]. Neste livro, de subtítulo: *De Sócrates a Freud e além*, Derrida afirma que “O falocentrismo é uma coisa. E o que se chama o homem e o que se chama a mulher poderiam ser sujeitados a ele.” Tem em mente Freud, mas também Lacan. Esta palavra-valise criada por Derrida [reunindo falocentrismo e logocentrismo] será criada após o ensaio feito em *Esporas*, que lhe serve de preparação. Por isso, concordamos com Nascimento (2015, p. 196) quando diz “A dificuldade em separar logocentrismo de falocentrismo estaria em que o logocentrismo é o falocentrismo

substanciado na tradição filosófica do ocidente, Jacques Derrida desconstrói a vontade de verdade expressa na metafísica e história da filosofia ocidental, conferindo um diferente olhar para alguns dos pulsantes tensionamentos do mundo moderno deixados por Nietzsche, os quais gravitam em torno de temas como feminidade, política e linguagem, perspectivados por Nietzsche.

Esporas: os estilos de Nietzsche, estruturado em 13 pontos, aborda treze temas que se interconectam por meio da discussão acerca da verdade incorporada no devir-mulher, são eles: A questão do estilo; Distâncias; Véus; Verdade; Enfeites; A simulação; História de um erro; *Femina vita*; Posições; O olhar de Édipo; O golpe de dom; Abismos da verdade; “Esqueci meu guarda-chuva”. Estes, situados em meio a uma zona tensionada por indecidibilidades, ocasionadas não mais pela linguagem metafísica configurada nas polaridades, por exemplo: homem ou mulher, finito ou infinito, racional ou empírico, mas sim pela superação dessas polaridades. O ponto de conexão da interlocução entre Derrida e Nietzsche, na obra resenhada, ocorre em torno da verdade configurada no devir-mulher como proposta de desconstrução e afirmação das diferenças. Assim, na incursão deste texto, digamos profano, trazemos Derrida, leitor de Nietzsche, filósofo que nos ajuda a pensar as estruturas da linguagem e, ao desconstruí-las, criar condições de possibilidades de outras filosofias. Aliás, Derrida afirma que esse exercício deve ser chamado de “interpretação desconstrutora” (2013, p. 22).

O filósofo franco-argelino escolhe como objeto de exame e revisão o sentido dado ao texto, principalmente no ambiente conceitual do estruturalismo. A esse modo de lidar com textos e, prioritariamente, a tradição filosófica, Derrida chamou de *desconstrução*; como bem menciona Skliar (2008, p. 17), “Derrida (nos) propõe, então, a fazer as obras falarem desde o interior de si próprias, por intermédio de seus brancos, suas contradições, sem procurar, como ele mesmo diz, condená-las à morte”. Nesse sentido, Derrida nos convida a reconhecer o que é hegemônico e, também, o que havia sido negado numa obra filosófica. Para ele, o que está na herança da palavra e do discurso nos ajuda a recompor uma sistematização do pensamento, saindo do âmbito do discurso dominante. Esse gesto afirmativo de Derrida nos faz lembrar Nietzsche em *A gaia ciência* – aforismo 381: “Não queremos apenas ser compreendidos ao escrever, mas igualmente *não* ser compreendidos.” (2012, p. 155, grifo do autor). Assim, nas trilhas de Nietzsche, Derrida investe na criação de um estilo próprio cujo objetivo, parece ser – mais do que oferecer um sentido de seu texto e de sua filosofia – operar por um estilo-pensamento cuja tarefa é dar a pensar, com oferta de sentido, diferente de um sentido ofertado.

no ponto mesmo em que o privilégio do *phallus*, no texto de Freud, por exemplo, representaria o avatar do sentido na teoria da significação.” Assim, o termo explora as significações oriundas da tradição metafísica que julga o pensamento a partir da *presença*, isto é, que é possível estabelecer um centro irradiador de sentido. Neste caso, esse centro é, fundamentalmente, racionalista (logocêntrico) e masculino (falocêntrico).

Segundo Derrida, a *escritura* é uma produção singular. As aproximações estruturadas em modelos idealizantes do texto e da linguagem ocupam pouco lugar em sua filosofia. Assim, reverá, como fez Deleuze em seu projeto filosófico, a clássica relação entre significante-significado. Derrida não compreende que um significante seja uma espécie de remetente em direção a um significado, pois um significante se dirige a outro significante, que repete o mesmo movimento indefinidamente. Nas palavras de Derrida (1973, p. 56, grifo nosso):

É preciso agora pensar a escritura como ao mesmo tempo mais exterior à fala, não sendo sua «imagem» ou seu «símbolo» e, mais interior à fala que já é em si mesma uma escritura. Antes mesmo de ser ligado à incisão, à gravura, ao desenho ou à letra, a um significante remetendo, em geral, a um significante por ele significado, o conceito de grafia implica, como a possibilidade comum a todos os sistemas de significação, a instância do *rastro instituído*.

E, talvez, devamos dar uma palavra aqui: em sentido comum, um rastro diz do vestígio de uma presença que não se faz mais presente. O problema, para Derrida, é que este sentido acolhe a ideia de que “uma presença” (coisa, marca, signo natural, força) produziu o rastro, tornando-o, assim, uma consequência da presença original que o produziu. Derrida dirá em sua *Gramatologia*: “É preciso pensar o rastro antes do ente” (1973, p. 57). Assim, o rastro não é a origem que desapareceu, mas a *différance* (p. 77), porque efetua o adiamento do sentido que é assumido como presença. Um rastro, retrospectivo ou prospectivo, levará a outros rastros; “[...] a origem não desapareceu [...] ela jamais foi retroconstituída a não ser por uma não-origem, o rastro, que se torna, assim, a origem da origem.” (p. 75).

O livro *Esporas* abre com o anúncio de que Derrida falará da mulher. Ora, ele, de família judaica, nascido em um país cristianizado, teria em mente os mitos judaico-cristãos que narram ter sido a primeira mulher criada de uma parte do primeiro homem. A origem da mulher, nos mitos fundantes do ocidente, está no homem: ele é sua origem, seu centro ordenador de sentido. Quando Derrida se propõe a desconstruir o discurso-pensamento ocidental, quer pensar “antes do ente”, ou seja, mulheres ou homens. Assim, o que se chama homem ou mulher são *différance*, ou seja, rastros de um adiamento de sentido. E sua conferência, intitulada *Esporas*, quis realizar isso. Como leitor de Nietzsche, Derrida dirá que a questão do estilo (encomenda feita pelo Colóquio de 1972) traz a questão da mulher: mulher como estilo. Não se trata, aqui, da mulher enquanto ente; não se trata das pessoas; não se trata dos sentidos atribuídos à mulher; interessa-lhe o significante *mulher*, a mulher enquanto *nome*.

Derrida, ao propor a desconstrução do pensamento binário, coloca em questão a filosofia ocidental que por séculos vem tornando-se o que é a partir de uma filosofia

da negação, ou se é homem ou se é mulher, masculino/feminino, bem/mal, entre outras dualidades que tomaram *performances* em nossos cotidianos. No entanto, ao pensar a desconstrução, Derrida discute a ideia de romper com as dicotomias que objetivam a vida a desenvolver a repetição do dia a dia e propõe uma nova maneira de viver/pensar a afirmação da vida enquanto produção de experiências/sentidos.

A obra *Esporas* traz uma escritura da posição da mulher, a mulher como afirmação da vida, *vontade de potência*, e assinala a cumplicidade produzida nos textos de Nietzsche entre mulher, vida, sedução, dissimulação e pudor. Sim! A verdade também é mulher, a verdade é feminina. Mas, talvez, o maior exercício seja vencer a posição que esta mulher, aqui referida, seja uma ideia de mulher, ou uma espécie de experiência feminina; parece-nos que, aqui, Derrida pensa a mulher fora da inscrição de gênero, de cultura, mas como inauguração de marcos conceituais. Assim, a mulher como afirmação de vida opera como um golpe nos clássicos conceitos falocêntricos, logocêntricos, falologocêntricos típicos da metafísica ocidental. Devemos ter em mente que Derrida, ao eleger o conceito de *phallus*, se apropria em um gesto desconstrutor da linguagem freudiana. Ora, para Freud, o *phallus* indica o pertencimento de algo que está presente, fantasiado pelo corpo do menino, e a simultânea ameaça da perda desta presença – castração –, ao observar o corpo de uma menina. Assim, Derrida começa a desconfiar que a tremenda luta pela verdade, como posse da filosofia e a absoluta rejeição de qualquer possibilidade de perdê-la, carrega uma constituição cultural produzida em milênios, dando predominância à posse, ao mesmo tempo, encontrando como ameaça qualquer possibilidade de perda. Esta é uma dimensão do pensamento de Derrida, superficialmente apresentada aqui, que poderia ser melhor explorada a partir da leitura de *Esporas*, que não é o caso desta resenha. Assim, questões como o masculino ou o feminino devem ser desconstruídas, sendo este *Esporas* um excelente começo de investigação.

Derrida ressalta, em *Esporas*, a desconstrução do pensamento binário: homem/mulher, verdade/engano, afasta a centralidade da razão e desloca o pensamento do leitor para um outro modo de pensar a vida. O filósofo coloca em funcionamento o gesto filosófico de Nietzsche, que preconiza a afirmação não como oposição de uma negatividade, mas como diferença que entre liames e tramas se cria modos possíveis de ler e produzir a vida. A vida como afirmação.

Referências

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DERRIDA, Jacques. **Esporas**: os estilos de Nietzsche. Tradução de Rafael haddock-Lobo e Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

NASCIMENTO, Evando. **Derrida e a Literatura**: notas de literatura e filosofia nos textos da desconstrução. 3. ed. São Paulo: É Realizações Editora, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo**. Tradução, notas e posfácio J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SKLIAR, Carlos. **Derrida e a Educação**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.